

Territorialidade e conservação na biblioteca contemporânea: uma análise do global ao local

Rafael Vilela Silveira

Doutorando em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais

 <https://orcid.org/0000-0002-5241-8340>

E-mail: arquiteturapreventiva.rafael@gmail.com

Resumo: A *Biblioteca Contemporânea* enfrenta desafios frente às novas plataformas de informação. Isso leva à necessidade de novos percursos epistemológicos, notadamente interdisciplinares, para a compreensão dessa instituição complexa nas próximas décadas. Trazendo conexões breves entre *espaço e território* e o campo da *Conservação*, este trabalho se esforça para delinear o lugar físico e social das bibliotecas em meio ao contexto disruptivo dos textos eletrônicos. Por isso, entende como fundamental a aplicação da abordagem em um objeto de estudo real: a Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Os resultados demonstram novos enfoques possíveis sobre o conceito de *territorialidade*, ajustados às bibliotecas; e que sugerem que nelas, o *global* e o *local*, e o *virtual* e o *material* se interferem. Essa construção, ao englobar a conservação das coleções e o conceito de *sustentabilidade*, apresenta-se como uma potencial ferramenta para a atribuição de valor aos edifícios de biblioteca pela sociedade na atualidade.

Palavras-chave: Edifício de Biblioteca; Territorialidade; Conservação; Coleções; Dialética Matéria-Virtualidade.

Territoriality and conservation in the contemporary library: a global to local analysis

Abstract: The *Contemporary Library* deals with challenges brought by the new information platforms. This leads to the need for new epistemological paths, notably interdisciplinary, to understand this complex institution in the coming decades. Bringing brief connections between *space and territory* and the field of *Conservation*, this work strives to delineate the physical and social place of libraries in the midst of the disruptive context of electronic texts. Therefore, it understands as fundamental the application of the approach in a real object of study: the Central Library of the Federal University of Minas Gerais. The results demonstrate the possibility of new perspectives about the concept of *territoriality*, adjusted to libraries; also suggest that in them, the *global* and the *local*, and the *virtual* and the *material* interfere mutually. This construction, for encompassing the conservation of collections and the concept of *sustainability*, presents itself as a potential tool for the attribution of value to library buildings by society nowadays.

Keywords: Library Building; Territoriality; Conservation; Collections; Matter-Virtuality Dialectic.

Texto recebido em: 22/06/2022

Texto aprovado em: 08/07/2022

Territorialidade, informação e biblioteca: uma base introdutória

A popularização das mídias digitais e das redes sociais moldam um profundo processo de ressignificação das plataformas estanques tradicionais de conteúdo – dentre elas o impresso. Atualmente, a rede mundial de computadores vem se ampliando para além destes e da própria *World Wide Web* (WWW), incorporando também dispositivos móveis e outros foros de interação e conectividade. Esse conjunto de plataformas, embora muitas vezes sincronizadas, traduz-se em novos ambientes de configuração ainda incerta, provocando mudanças significativas na relação dos usuários com os processos simbólicos oriundos dessas transformações. E isso vale para o acesso a bens culturais (D'ARCADIA; CARVALHO, 2020, p. 523); dentre eles as bibliotecas e seus objetos salvaguardados.

O cenário da abordagem conceitual de *espaço*, *território* e *territorialidade* é polissêmico e complexo, assim como a própria biblioteca enquanto organização, tanto administrativa quanto fisicamente. Esses dois eixos de estudo tendem a tornar-se ainda mais intrincados com o processo da virtualização da informação e da interação. O que reforça a importância de seus cruzamentos para o entendimento do papel e do lugar das bibliotecas na contemporaneidade.

Falar nesses conceitos geográficos – e potencialmente transdisciplinares – envolve um percurso epistemológico de variações e de desenvolvimento da análise tanto no que se refere à materialidade – o físico e o não físico –, quanto em relação à escala – o universo, a superfície terrestre, e os Estados-Nações, por exemplo. E a própria conexão entre eles evidencia a necessidade de evolução do pensamento para se estudar a relação espaço-tempo-sociedade. As discussões relativas à matéria e à abstração, à dialética entre espaço e tempo, vinculadas ao *espaço* enquanto objeto de estudo científico, expuseram uma lacuna, que deveria ser preenchida pelos eventos sociais. O que levou à construção da noção de *território* como solvência dessa questão (MACHADO, 1997).

Tal construção abre as portas para a difusão do conceito de *territorialidade*, de forma a valorizar o significado tanto da individualidade quanto da subjetividade carregadas pelos fenômenos e acontecimentos humanos; em suas sobreposições com determinada área geográfica, e em qualquer escala de análise (MACHADO, 1997). E não para por aí: no contexto da mundialização das interações humanas, a partir da ruptura das barreiras espaço-temporais e da ascensão das tecnologias

disruptivas, vale expandir a reflexão também para a coletividade e para a intersubjetividade.

Esses são pontos nodais para pensar a biblioteca enquanto território de informação hoje; e entendê-lo frente à percepção e à ligação da sociedade contemporânea para com ela, por meio da atribuição de valor. De maneira a buscar e elaborar estratégias não somente para a sua permanência, mas também para a sua propulsão. Dentre elas, a sua progressão para centros de prática e aperfeiçoamento da *Ciência da Conservação*.

Rossmann (2020) cita vários autores para discorrer sobre o valor esperado pela sociedade em relação à biblioteca. Chamado de *valor explícito*, ele vem pressionando – ao menos desde a década de 1990 – os serviços da instituição, principalmente quando associado ao cenário atual de explosão informacional. No universo acadêmico, por exemplo, as estatísticas de circulação de material impresso continuam a cair, o que leva o cálculo do valor a focar mais em fatores de impacto, expressos em resultados atrelados à missão institucional, com programas e recursos das bibliotecas voltados para ela (ALLISON, 2015).

Se por um lado, vigoram os aspectos não físicos – tais como organização, missão e gestão –, por outro, o espaço físico manifesta-se na associação do ambiente construído da biblioteca sobre um determinado terreno (área geográfica) com os bens que ele abriga. Esse conjunto – e seu equilíbrio – influencia cada vez mais em um reconhecimento mais incisivo de que o que na biblioteca se salvaguarda possui real relevância cultural e histórica: o valor das coleções se avalia cada vez numa acepção mais abrangente, que considera a experiência dos usuários e as suas expectativas perante a biblioteca e o seu acervo (BÜLOW, 2010; ROSSMAN, 2020). E essa é uma reflexão que pede urgência na realidade brasileira.

O campo da *Conservação* como eixo proposto para a ocupação contemporânea dessa tipologia de edifício, pode atuar como liga entre as esferas física e não física da *materialidade*, cuja a compreensão é tão cara para a cultura; e para a emancipação de uma determinada sociedade, conseqüentemente. A concepção de uma biblioteca tem como eixo estruturante o armazenamento de obras culturais em resposta a uma demanda social histórica. E é esse campo que articula as condições físicas corretas para tal armazenamento e a própria sustentabilidade da instituição de salvaguarda.

Numa referência ao próprio conceito de *territorialidade* e seus correlatos que aqui se trazem, a estrutura deste texto segue uma transição de escala do global

para o local. E insere neste percurso questionamentos e relatos que convidam a pensar a biblioteca enquanto território, e o seu lugar na vida midiaticizada e globalizada. O primeiro capítulo tenta propor um exercício ontológico acerca da biblioteca, na busca pela compreensão de suas delimitações; e abre caminho para o segundo, que faz um paralelo entre o texto virtualizado e o livro, para discorrer sobre a existência da biblioteca e sobre a importância da conservação na coexistência dessas modalidades.

O terceiro capítulo traz provocações e imersões da biblioteca no par dialético espaço absoluto- pensamento relacional, desdobrando-se na dinâmica de redes (teoria ator-rede). A partir daí, tenta esboçar os nós e as ramificações dessa instituição na sociedade atual, contando com a preservação dos acervos como eixo de significação de seus espaços, presente e futuramente.

Por fim, os capítulos quarto e quinto já aterrissam no universo particular do objeto estudo de caso, a Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (BC-UFMG), e trazem, respectivamente, as iniciativas no campo da *Conservação* que vêm ocupando a biblioteca; e a relação dessa ciência, em sua prática, com os espaços físicos, as demarcações territoriais e a complexa rede de agentes que se instalou na edificação em questão. Isso porque, ao tratar de *territorialidade*, este trabalho não poderia se esquivar dos rebatimentos de suas análises em um lugar real.

Espaço, limites e transgressões: uma abordagem multiescalar para a biblioteca

O sonho de uma biblioteca que reunisse “todos os saberes acumulados, todos os livros jamais escritos”, fundamenta a constituição de grandes “livrarias”, tanto principescas, como eclesiásticas ou particulares. Além disso, ele embasa a busca incansável por livros raros, edições perdidas e textos desaparecidos; e comanda “o gesto arquitetural destinado a construir edifícios capazes de acolher a memória do mundo” (CHARTIER, 1998, p. 67-68). Mundo este que, na concepção de Borges (1999), pode ser infinito e reflexo da própria linguagem em sua vastidão, e, portanto, da biblioteca.

Daí a ideia de *biblioteca total*, ilimitada e periódica, ou seja, cíclica, onde início e fim não possuem delimitação clara. O que se confunde com a própria concepção que se tem do universo “(que os outros chamam de Biblioteca)” (BORGES, 1999, p. 1). Nessa perspectiva, os muros da biblioteca são capazes de

abarcando todos os livros, e é verossímil “que em alguma prateleira do universo haja um livro total” (BORGES, 1999, p. 4).

Borges (1999), em seu conto, navega das letras minúsculas à escala macrocósmica para conceituar a biblioteca na tríade espaço, tempo e ser humano: a cada um dos muros de cada galeria “correspondem cinco estantes; cada estante encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas, cada linha, de umas oitenta letras de cor preta” (BORGES, 1999, p. 4). Letras que, ao serem combinadas são capazes de exprimir qualquer realidade; e com tal poder, evidenciam a distância entre o “total” e o indivíduo e suas imperfeições.

Essas transgressões escalares fornecidas por Borges (1999) podem ser instrumentos importantes para se trabalhar a relação dos símbolos com os espaços, e assim, estruturar um pensamento de território para a biblioteca contemporânea. Porque, ainda que se saiba da impossibilidade de se reunir todo o patrimônio escrito da humanidade num único espaço (mesmo para aqueles que consideram que a biblioteca deve ser enciclopédica) (CHARTIER, 1998), hoje, o sentido “totalizante” da biblioteca ganha novas camadas de interpretação com o advento do texto digital: uma revolução dos símbolos e de suas implicações espaço-temporais.

Com esse novo entorno de referência, muda-se a percepção do impacto das incontáveis estantes de livros da biblioteca de Borges (1999) no todo, bem como a relação de proporção (ou contraste) dessas com os vastos poços de ventilação que ocupam o centro desta; que, de tão vastos, possuem profundidade infinita. Na contemporaneidade, a virtualidade é capaz de extrapolar a condição de vazio traduzida por esses elementos, e portanto, as lacunas da *biblioteca total*.

Chartier (1994) retrata o texto eletrônico como o advento da superação de uma contradição que levou o Ocidente à obsessão: a que opõe de um lado o sonho de uma biblioteca universal que reunisse todos os livros e todos os textos, e de outro, o fato decepcionante de que isso apenas seria possível numa realidade imaterial.

A isso, soma-se o que Joaci Furtado (2015) chama de “era da dispersão”. Nela, ele questiona o lugar do livro e o sentido da biblioteca, e faz uma reflexão provocante ao leitor:

[c]om a imaterialidade do livro, qual o lugar dele na sociedade contemporânea? A biblioteca, como repositório de livros, faz sentido

quando a palavra escrita se tornou ubíqua (...)? (FURTADO, 2015, p. 46).

se agora a palavra 'livro' nomeia um conteúdo e não uma forma, 'biblioteca' designa uma função e não um espaço (FURTADO, 2015, p. 51).

A comunicação à distância remodela a relação distintiva entre o lugar do texto e o lugar do leitor. Sem materialidade e localização, o texto, em sua representação eletrônica, pode chegar a qualquer leitor que porte equipamento adequado ao seu recebimento: “é a universal disponibilidade do patrimônio escrito que se torna possível” (CHARTIER, 1994, p. 193). A dispersão, a virtualização e a individualização do acesso ao livro redefinem o sentido da biblioteca, cujo “paradigma da acumulação” foi instaurado no Egito do Período Helenístico (FURTADO, 2015; JACOB, 2000).

A virtualização da palavra escrita e a explosão dos dispositivos virtuais de leitura, trazem questões inquietantes quanto a uma possível “fuga” das novas obras em relação aos muros da biblioteca; ou, indo-se por outra perspectiva, quanto ao anúncio da biblioteca sem muros e até sem lugar, que abrange todos os livros, numa versão atualizada da “felicidade extravagante” reportada originalmente por Borges (1999). Felicidade como primeira reação, mas talvez não duradoura, pois envolve riscos (CHARTIER, 1994, p. 193). Neste novo contexto de análise, é necessário enxergar os trânsitos entre o livro que inspirou a noção de biblioteca dos séculos passados e o texto virtualizados em aparatos eletrônicos, e suas consequências para as comunidades.

Reflexões sobre a preservação dos suportes físicos no cenário contemporâneo da virtualização

A partir de meados dos anos 1990, a WWW, dita a grande mediatização em torno dos livros eletrônicos¹. Entra em cena grandes empresas, que não se restringem apenas ao tradicional universo editorial; mas também abarcam a produção de tecnologias que alavancam um novo e altamente rentável mercado para os livros digitais. A publicação da novela *Riding the Bullet*, de Stephen King, em 2000, pode assinalar emblematicamente essa ruptura (FURTADO, 2003). A experiência de King é base para um campo considerável de especulações sobre o papel dos livros digitais na reestruturação do equilíbrio de poder entre autor e

editora. Entretanto, há pouca discussão na mídia de massa sobre como essa modalidade realmente é capaz de trazer mudanças para a sociedade como um todo (LYNCH, 2001).

Joaci Furtado (2015, p. 52) indaga sobre a forma do livro eletrônico, e sobre sua estruturação não passar basicamente de uma emulação virtual do livro impresso: “haverá um design próprio, radicalmente outro para o livro eletrônico? Mais que design, haverá uma linguagem visual específica da tela, efetivamente diferente da página impressa?”. A possível transferência de conteúdos já publicados do códice para o monitor abre grandes possibilidades, porém, também traz riscos. Reconfigurações bruscas na relação forma-suporte-estrutura da transmissão e recepção do escrito afetam significativamente seus possíveis usos e interpretações; constituindo “uma violência praticada sobre os textos, separados das formas que contribuíram a construir suas significações históricas” (CHARTIER, 1994, p. 194).

É impossível a reinvenção de obras como *El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* numa outra forma que não a qual foi escolhida para a sua existência. A sua transposição para plataformas digitais é acompanhada de elementos que caracterizam o livro desde os tempos de Johannes Gutenberg² ([ca. 1400]-1468). “A diferença é que talvez tenhamos cada vez menos leitores de Miguel de Cervantes e Machado de Assis” (FURTADO, 2015, p. 52). A pergunta que se faz é: será que nada significa para uma sociedade a dissolução de obras como essas ao longo dos anos? É admissível aceitar um mundo onde as transmissões e trocas propiciadas pelo livro físico sejam impossibilitadas? (LYNCH, 2001).

Chartier (1994, p. 194) responde a essa pergunta propondo a seguinte suposição: a de que em um futuro não tão distante, a única forma de comunicação e decifração de obras tradicionais fosse via representação eletrônica. Nesse caso, “grande seria o risco de ver perdida a inteligibilidade de uma cultura textual em que um vínculo antigo, essencial, foi estabelecido entre o próprio conceito de texto e uma forma particular do livro: o códice” (CHARTIER, 1994, p. 194).

A falta de mediação tecnológica ao longo dos séculos, confere historicamente à impressão uma vida extremamente longa. Trata-se de uma das mídias mais antigas, e quando mirada na perspectiva da produção e do mercado de massa, é certamente o meio mais antigo. O papel, enquanto material, dura muito tempo quando bem feito (LYNCH, 2001) e bem conservado. Essas propriedades, segundo o

autor, estão fortemente ligadas ao conjunto de funções culturais único conferido ao livro enquanto códice.

Na esfera do reconhecimento e da discussão dos historiadores, as várias revoluções incidentes sobre a leitura ocorreram na longa duração do códex. A *Revolução Digital* quebra esse vínculo antigo firmado entre o texto e o objeto, entre o discurso e a matéria que o acompanha. Como consequência, aos gestos e às noções associadas ao escrito se impõe uma revisão radical. “Apesar das inércias do vocabulário, que tentam acomodar a novidade, designando-a com palavras familiares, os fragmentos de textos que aparecem no monitor não são páginas, mas composições singulares e efêmeras” (CHARTIER, 2010, p. 9); que fazem suceder a *navegação* de muito longo curso, por *arquipélagos sem beira nem limites* que são (CHARTIER, 1994, p. 190): “[p]or mais engenhosas que sejam essas interfaces, elas continuam sendo representações, distantes fisicamente dos limites do próprio texto (NUNBERG, 1993, p. 18, tradução nossa).

E também existe a questão dos custos dessa transição, a intervalos relativamente curtos de tempo, para satisfazer os modelos econômicos das indústrias de conteúdo. Dentre outros apontamentos, está de um lado a sobrecarga dos sistemas de biblioteca, numa hipótese de conversão de coleções inteiras; e de outro, a perda de trabalhos preciosos a cada transição tecnológica, por não estarem compatibilizados com novos recursos disponibilizados. “Não será fácil garantir a continuidade de nosso registro cultural e intelectual na era digital por motivos puramente técnicos e operacionais”. O que representaria um problema social e de política pública muito sério, tanto no enfoque do acesso público à informação, quanto no da preservação (LYNCH, 2001, p. 1, tradução nossa).

Somam-se a tudo isso, ainda, as dificuldades significativas envolvidas na conservação da informação digital frente ao seu caráter volátil: “[u]m pergaminho ou um papel podem durar quinhentos anos, os formatos digitais ou bases de dados podem desaparecer num lapso de tempo. Sobre eles paira o espectro da obsolescência” (VIDAL, 2010, p. 148).

Historicamente, a questão fundamental que se precisa refletir no presente não é “aquela já muito batida, do suposto desaparecimento do livro – mais resistente do que se possa pensar – mas aquela da possível revolução das formas de sua disseminação e de sua apropriação” (CHARTIER, 1998, p. 92). Isso faz do espaço e do papel da biblioteca um dos pontos-chave dessa discussão.

Lynch (2001) complementa que, no futuro, é provável que o número de leitores de *e-books* não seja capaz de provocar uma diminuição substancial da demanda por espaço para a guarda de livros físicos. Cenário que se confirma com os trabalhos de Anderson e Pham (2013), que abordam o assunto na perspectiva do grau de confiança que a biblioteca pode ter em fontes eletrônicas para substituir suas coleções impressas; e de Bergström e Höglund (2020), intitulado de *E-books: in the shadow of print (E-books: na sombra do impresso, tradução nossa)*, no qual evidenciam uma função complementar, e não de deslocamento, dos *e-books* em relação ao impresso. Além de trazerem a própria cultura de uso da biblioteca como um dos fatores que moldam o número de leitores adeptos aos *e-books*.

Todas essas questões levantam importantes discussões acerca tanto de aspectos sociais, quanto daqueles espaciais, inerentes à compreensão contemporânea da organização *Biblioteca*. Isso incorre sobre a complexidade da sociabilidade humana, intermediada, por sua vez, pela informação escrita. Nessa perspectiva, tanto geografia quanto sociedade remetem a *interação*, palavra essa tão cara para a estruturação do conceito de *territorialidade* a partir de um sentido de identidade espacial (BERNARDINO, 2017). Sentido esse que norteia os aprofundamentos a seguir neste trabalho.

Lugar, complexidade e interdisciplinaridade: os territórios da biblioteca na contemporaneidade

A problemática de pensar o lugar da biblioteca na atual era dos hipertextos³ pode ser contextualizada com os tempos de Alexandria. Quando discorre sobre as dinâmicas do saber, Jacob (2000, p. 68) indaga sobre a seguinte associação: “a cultura de Alexandria se reduziria a (...) metamorfoses do escrito, à circulação vertiginosa das palavras e dos objetos de saber que fariam da biblioteca uma das antecipações dos hipertextos contemporâneos?”. O que talvez seja inegável é que a construção das informações, nos atuais dias, passa por uma mudança abrupta nas relações de espaço e territorialidade.

Numa perspectiva em que se toma Alexandria como centro edificado de convergência de materiais documentários, de medidas, de amostras botânicas, zoológicas ou pedológicas, a acumulação desses conhecimentos permite novas operações e observações, fora do alcance dos que os produziram. Assim, os dados sempre guardam potencial de serem parciais no paradigma enciclopédico que

inspira e aspira a biblioteca enquanto edificação: os seus espaços tendem a reificar os conteúdos de saber, gerando um ambiente para a mobilidade, a tradução e a permutação dessas informações ali abrigadas (JACOB, 2000).

A carta geográfica traçada pelo estudioso e bibliotecário alexandrino Eratóstenes (276-194 a. C.), pode ser uma boa metáfora para discutir as transições do espaço da biblioteca e as funções que este assume; e, ao mesmo tempo, resgatar a própria essência de *espaço, território e territorialidade*.

Os antigos mapas da Terra (...) tinham chegado à Biblioteca de Alexandria misturados com as torrentes de livros (...). Para retificar e reatualizar esses mapas, ele [Eratóstenes] dispunha de uma abundante documentação escrita, narrativas de viagens, périplos, relatos de exploração e descrição regionais: tratava-se de um *corpus* heterogêneo e de uma visão de mundo fragmentada numa pluralidade de pontos de vista e de linguagens (o viajante, o etnógrafo, o historiador, o diplomata, etc.) (JACOB, 2000, p. 69).

Depois do sequenciamento, da comparação, da organização e da reabsorção das heterogeneidades, e de “induzir uma comensurabilidade dos dados, que permite sua combinatória e suas permutas”, o estudioso elaborou uma superfície gráfica formada por pontos e linhas que traduzem as localizações e as formas de territórios (JACOB, 2000, p. 69). A biblioteca é então (ao menos àquela época) o abrigo dessas manifestações e construções científicas.

O trabalho intelectual em Alexandria reflete o anseio por sínteses que condensassem o máximo de saber e de livros num mínimo de espaço. A lógica desses processos de reciclagem, em circuito fechado, pode ter contribuído para o esquecimento e a atomização da totalidade (JACOB, 2000). Hoje, os espaços das bibliotecas, no lugar de sediar a reunião não seriam os próprios fragmentos? Se sim, como fazer com que esses arquipélagos do conhecimento se mantenham firmes e não desapareçam no vasto oceano das informações eletrônicas?

Darnton (2001, p. 1) lembra os grandes monumentos associados à visão da biblioteca. Monumentos que, apesar de parecerem indestrutíveis, como mostra a história, “estão sempre sendo destruíd[o]s”. As bibliotecas são mais vulneráveis do que se pensa, e não somente por causa de guerras: há quem diga que elas poderão ser substituídas pela *Internet* (DARNTON, 2001).

Como lugar na cidade contemporânea, estaria então a biblioteca numa encruzilhada entre as duas categorias principais de “espaços públicos” de Bauman (2001)? De um lado está a representação da praça *La Défense*, em Paris,

monumental e vazia ao mesmo tempo; de outro estão os “templos do consumo” – reflexos da indústria editorial, e pulverizados em grandes lojas de livros –, cheios de pessoas, mas vazios de “coletivo”. Se isso é verdade, qualquer que seja o caminho da biblioteca, conflita com a sua vocação de modelo ideal de espaço *civil*.

A primeira categoria faz lembrar a experiência de Joaci Furtado (2015) com o piano de cauda mudo, coberto e num canto da Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense, no *campus* de Gragoatá, no centro de Niterói. Edificação que curiosamente, segundo o autor, possui “paredes cegas para uma das vistas mais belas do mundo”. Após um tempo de apresentações semanais com o inusitado instrumento no horário do almoço, o piano aguardava para ser devolvido, e o local voltara ao rigoroso silêncio de seu ambiente. Um desperdício (FURTADO, 2015, p. 55).

Quanto à outra direção, Darnton (2001, p. 2), embora partidário da digitalização, conta que ficou horrorizado quando soube que o projeto original para um novo *campus* da Universidade da Califórnia, em Monterey, não incluía uma biblioteca. “Os projetistas julgaram que os computadores seriam suficientes, supostamente porque acreditavam que os livros nada mais fossem que recipientes de informação”. Não dá para não sugerir toda uma lógica de consumo, consciente ou não, por trás dessa decisão. São faces desse contexto a ocorrência de uma desintermediação no processo de acesso à informação e a perda do monopólio da informação científica para a oferta extensiva da WWW. O que coloca a relevância das bibliotecas universitárias em risco, e causa preocupação nos cientistas da informação (CARVALHO; PONTELO; GOMES, 2017).

Por outro lado, “há um certo risco em limitar a ecologia dos lugares exclusivamente aos signos ou à simples matéria do escrito”, coloca Latour (2000, p. 21). O interesse pela biblioteca, além de focar frequentemente nos textos, nos livros, e na sua leitura, análise, acumulação e conservação, tem que alcançar novos terrenos. A *biblioteca total*, anunciada por Borges, e voltada para si própria, se mostra plena e sólida quanto aos interesses somente pelas glosas da exegese, mas “parece vazia e frágil a partir do momento em que procuramos ligar os signos aos mundos que os cercam” (LATOURE, 2000, p. 21).

O que restaria então às bibliotecas? Será que a contemporaneidade traz consigo uma destruição, desta vez silenciosa e não por guerra e fogo, dessas instituições? Será o seu obsolescimento e “afogamento” na *liquidez* traduzida por Bauman (2001)? Vale lembrar que “nossas bibliotecas devem, é claro, microfilmar e

digitalizar, mas devem também conservar livros – os livros originais” (DARNTON, 2001, p. 2). Mais ainda que conservar, é pensar essa atitude de forma consonante com a organização contemporânea de mundo, ou seja, em rede.

A biblioteca, na perspectiva de Latour (2000), regula os movimentos de redução e ampliação do mundo real através da linguagem. Ou seja, os intercâmbios entre os signos e o universo, por meio de inscrições que “devem ao mesmo tempo permitir a mobilidade das relações e a imutabilidade do que elas transportam” (LATOURE, 2000, p. 36). Assim, a biblioteca deixa de ser fortaleza isolada e passa a se comportar como nó de uma vasta rede onde circulam matérias se tornando signos.

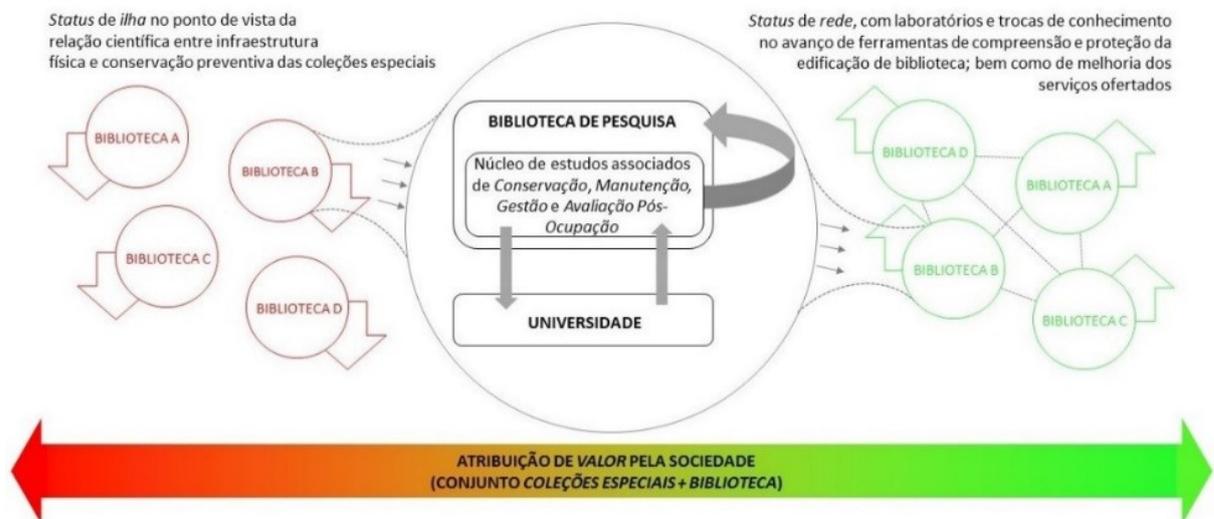
Essa rede inclui laboratórios, instrumentos e coleções: um texto que dispõe a descoberta da sequência de DNA, por exemplo, leva ao programador de genes, aos biólogos moleculares, a procedimentos de fotografia, “um líquido num tubo de ensaio, o gesto de um técnico que maneja a pipeta, faixas cinzentas ou pretas num papel prateado” (LATOURE, 2000, p. 27); de igual maneira, uma coleção de mapas leva ao desbravador, à expedição científica, ao geógrafo, ao geólogo, ao meteorologista, ao desenhista, ao cartógrafo, à mediação pela “matemática pura, que permite experimentar vários sistemas de projeção, e [pelos] gravadores em cobre” e impressoras (LATOURE, 2000, p. 29).

Se valendo das discussões científicas recentes acerca do conceito de *espaço*, essa é uma maneira de demonstrar a natureza multidimensional e multiescalar da *Biblioteca*: se por um lado isso ajuda a expor as suas diversas camadas; por outro, evidencia a sua potencialidade em novos percursos científicos a partir da fusão entre a *Física* e as *Humanidades*, que por sua vez, dinamiza as configurações epistemológicas que giram acerca da tríade *espaço-território-territorialidade* na base da *Geografia*; e dela, para a *Arquitetura*.

Trata-se de uma cadeia multi, inter e transdisciplinar, que conecta mundo e linguagem, instituições, matérias, formas e inscrições. A mesma estrutura que pode ajudar a reconhecer o lugar, o papel e a permanência das bibliotecas na contemporaneidade. Se a biblioteca for tomada como, além de nó nessas redes, o próprio signo, a sua tradução e sentido no mundo da informação virtual poderia passar a residir na *Ciência da Conservação*, e dentro dela, na *Conservação Preventiva*. Isso porque sem o seu avanço, essa rede não existiria.

Justamente aí pode estar a resposta para o território das bibliotecas, hoje supostamente pulverizados e potencialmente esvaziados em meio ao universo dos

hipertextos: a formação de redes de conservação, que legitimam a contemporaneidade dessas instituições. Os processos de digitalização e virtualização intrinacam os elos, mas não desmaterializam o mundo. As bibliotecas, os laboratórios e as coleções são concretos e intrínsecos uns aos outros. Mais além, as bibliotecas passam a ser laboratórios de si próprias (Figura 1), convergindo a *Ciência do Patrimônio*, a *Arquitetura* e as *Engenharias*, as *Ciências Naturais*, e as *Ciências Sociais* e as *Humanidades* – que incluem a *História*, a *Arqueologia*, a *Antropologia*, a *Filosofia* e o *Direito*.



Fonte: Autor (2020).

FIGURA 1

Territórios e papel contemporâneo das bibliotecas

Nessa abordagem, por se retratar o espaço das bibliotecas, e sua relação com o tempo e com a sociedade, vale traçar alguns elos entre *Arquitetura*, *Conservação* e *Sustentabilidade*. E para isso, é importante que isso se faça em um espaço real. A BC-UFMG (Figura 2) apresenta-se como laboratório para a aplicação desse pensamento, que por sua vez, demanda de conexões entre o global e o local; e entre as esferas física e não física da *materialidade* do espaço.



Fonte: UFMG [ca. 1980].

FIGURA 2

Vista geral da BC-UFMG à época de sua construção

Dos territórios da biblioteca para os territórios na biblioteca: a ciência e prática da conservação como percurso sustentável da BC-UFMG

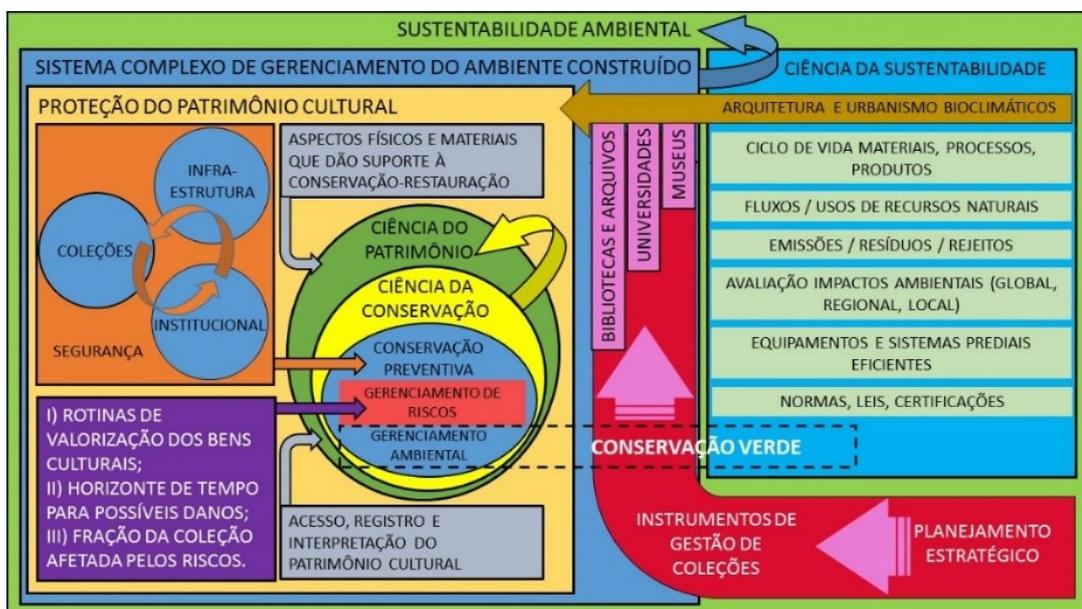
479

Especialidades múltiplas de diversas áreas do conhecimento convergem no campo expandido denominado *Ciência do Patrimônio* (Figura 3). Elas fornecem rotinas, procedimentos e referências no intuito de responder às demandas da preservação de bens culturais.

Ganha destaque, neste enredo, a discussão em torno do termo *sustentabilidade*, bem como o potencial que tem a *Conservação* de fomentar importantes reflexões juntamente com o campo da *Arquitetura*. Conforme Froner (2018), na década de 1970, o conceito de sustentabilidade está mais associado às questões do patrimônio natural e cultural, envolvendo reflexões sobre mudanças climáticas, ecologia e impactos da industrialização e do crescimento urbano na natureza e na sociedade. A partir de 1980, ganha força o debate sobre a sustentabilidade humana, o que fez ampliar e tornar mais complexo o que se tem por *desenvolvimento sustentável*.

Sachs (2012) destaca os *objetivos de desenvolvimento sustentável* como uma urgente pauta de triplo resultado: econômico, ambiental e social. O autor discorre

no âmbito das ações do *Millennium Development Goals*, das Nações Unidas, tido como “um método histórico e efetivo de uma mobilização global para alcançar um conjunto de importantes prioridades sociais em todo o mundo” (SACHS, 2012, p. 2206, tradução nossa). Dentre os objetivos do programa, encontram-se a garantia para a sustentabilidade ambiental e a formação de uma parceria global para o desenvolvimento (ONU, 2015).



Fonte: Silveira e Gonçalves (2019, p. 4).

FIGURA 3

Interconexões conceituais no âmbito da *Ciência do Patrimônio* aplicadas ao estudo de bibliotecas universitárias

Para o espaço da BC-UFMG, Silveira (2018) propõe uma reflexão conceitual sobre a importância da atitude interdisciplinar para o desenvolvimento sustentável e para a ressignificação da biblioteca. O autor adota o pensamento arquitetônico como fio condutor da discussão. A requalificação da biblioteca é associada a um plano estratégico de manutenção que coloque no centro da instituição uma visão de ciência marcada por preocupações humanistas. Ou seja, a contribuição para uma “ciência para a cidadania, socialmente comprometida e em que há alterações

profundas nas relações entre ciência, tecnologia e sociedade, numa abordagem interdisciplinar (CACHAPUZ, 2016, p. 234).

Carvalho, Pontelo e Gomes (2017), ao retratarem a biblioteca universitária, colocam a necessidade de uma transformação na própria concepção de funcionalidade dessa instituição, para além da efetiva evolução dos serviços. Isso, para assegurar a “sua continuidade e relevância tanto para a promoção da educação superior quanto da pesquisa científica, sobretudo a que é socialmente referenciada e geradora de emancipação humana” (CARVALHO; PONTELO; GOMES, 2017, p. 137). Segundo os autores, o Sistema de Bibliotecas da UFMG desenha um tripé essencial para a sua missão na contemporaneidade: consciência da multiplicação de suas funções; participação dos impactos trazidos pelas novas tecnologias; e apropriação das ações educativas com o intuito de acompanhar o novo perfil ambicionado para as bibliotecas universitárias e seus usuários no presente.

Esse cenário, em sua integralidade, recai sobre a importância de se buscar meios de preservação no interior da BC-UFMG. Uma vez que a conservação de suas coleções está diretamente atrelada à sua permanência na contemporaneidade, bem como a sua essência funcional diante da sociedade. A partir dos anos 2000, com a maior abrangência do termo *sustentabilidade*, a noção de ambiente *ideal* dá lugar para o conceito de ambiente *apropriado* para o armazenamento das coleções. A um padrão universalizante, e, portanto, dificilmente totalmente verdadeiro, resguarda-se o lugar do questionamento; e as soluções de conservação passam a se guiar pelas especificidades: clima, edificação, coleção, riscos identificados, e contexto institucional – tais como a missão, a capacidade operacional e os recursos disponíveis (DARDES; STANIFORTH, 2015, p. 20).

Na década de 1990, Nassif (1992, p. 72-73) já demonstra atenção com a temática da conservação de acervos de bibliotecas universitárias, e busca subsídios para a formulação e implantação de uma política de preservação de acervos para a BC-UFMG. A autora aponta a existência de uma comissão para a preservação das coleções, a qual denomina de *Comissão de Assessoramento ao Prédio da Biblioteca Central*. Preocupações quanto aos aspectos ambientais do prédio são a causa principal de atuação do grupo. São realizados por ele estudos quanto aos “índices

de umidade relativa do ar, temperatura, direção de ventos, índice de chuvas, insolação e média climática da região”.

Nos anos 2010, no escopo do *Projeto Preservação e Acesso dos Acervos Raros e Especiais*, são realizadas atividades iniciais com o intuito de implantar rotinas de gerenciamento de riscos na Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG (Dicolesp, BU-UFMG). Com estudos e pesquisas sistemáticas, o trabalho enfoca no reconhecimento, por parte da universidade, das coleções “como bens patrimoniais de elevado valor histórico, cultural e estético, em nível internacional e nacional, por seu potencial de geração de conhecimento, em especial, sobre o Brasil e Minas Gerais” (GONÇALVES; ARAÚJO; FERREIRA, 2012, p. 7).

Mais recentemente, trabalhos interdisciplinares entre o Laboratório de Ciência da Conservação da Escola de Belas Artes da UFMG (LACICOR), a Coordenação da Dicolesp e o Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da UFMG (PPG-ACPS) vêm sendo realizados na BC-UFMG. O intuito é de estreitar os diálogos práticos e teóricos entre a *Arquitetura* e a *Conservação*; bem como de aprimorar ferramentas de diagnóstico de condições de conservação das coleções e a sua aplicabilidade na edificação, destacadamente no seu Setor de Obras Raras.

Alguns dos frutos dessas novas frentes de pensamento para a BC-UFMG são justamente a análise conjunta entre os estudos preliminares de uso e ocupação, desenvolvidos na edificação pelo Departamento de Projetos da UFMG, e os avanços das pesquisas supracitadas na produção de ferramentas de diagnóstico para a conservação. Dentre essas frentes, destacam-se as reflexões que relacionam a complexidade espacial da biblioteca estudada e os desafios para a conservação incorridos dessa realidade.

O edifício da BC-UFMG e seus territórios: desafios para a conservação

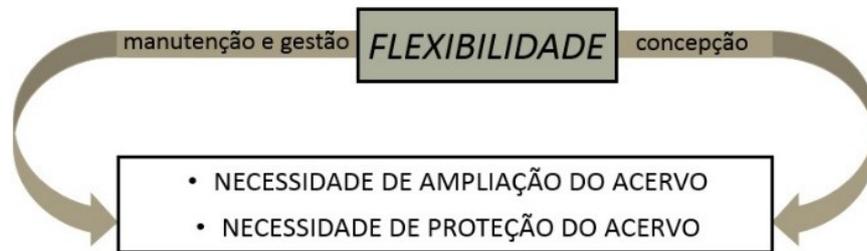
Dentre as várias ações realizadas pelas Bibliotecas da UFMG ao longo de 90 anos para inovar produtos e serviços está a renovação de seus espaços físicos. A “atuação para otimização da infraestrutura física dos espaços da Biblioteca Central,

considerando os apontamentos do *Estudo para a requalificação de prédio com foco em segurança e acessibilidade*”, é um dos enfoques de atenção na tarefa de gerenciar o complexo sistema de bibliotecas científicas da universidade (CARVALHO; PONTELO; GOMES, 2017, p. 142).

Em meados dos anos 2010, Silveira (2015a) realiza um trabalho sistemático na BC-UFMG, que gera um relatório técnico de análise de uso e ocupação dos espaços da edificação. Dentre as questões tratadas, está o foco preliminar na segurança dos usuários e do acervo. O estudo vem com o intuito, à época, de servir de subsídio para a elaboração de um plano global de intervenções, com vistas para a requalificação do edifício. Isso se dá como uma tentativa de gestão integrada e metodizada das intervenções no lugar, após constatação de um cenário dinâmico de uso e ocupação ao longo dos anos. Nesse contexto, resguarda-se à infraestrutura do prédio as possibilidades de resposta às potencialidades presentes e futuras da BC-UFMG.

Mais tarde, Silveira (2018) traça um paralelo entre as informações apresentadas em 2015, os aspectos conceituais da arquitetura da BC-UFMG e a importância de se pensar um modelo de manutenção para a edificação no tempo presente. O conceito de *flexibilidade* entoadado nos projetos dos espaços universitários do *campus* da Pampulha, é estendido para o ambiente construído usado e ocupado da instituição; para pensar um modelo de sustentabilidade para a biblioteca.

Silveira e Gonçalves (2019) expandem ainda mais a aplicação do conceito de *flexibilidade* na análise da BC-UFMG, incorporando a preocupação com a preservação das coleções. Dessa forma, dois aspectos são postos em balança: por um lado, ao final da década de 70, a arquitetura de influências modernistas da edificação conceitualmente se preocupa em construir espaços que absorvam as transformações sociais e funcionais que implicam a evolução do conhecimento (MALARD *et al.*, 2012); por outro, a existência da tendência de crescimento intrínseca aos acervos, naturalmente acompanhada pela demanda de novos espaços de armazenamento (Figura 4). Esse quadro ajuda a expor como estratégias de leitura e operação dos espaços físicos devem vir associadas à compreensão das intrincadas demarcações institucionais, ou seja, ao conceito amplo de território.



Fonte: Silveira e Gonçalves (2019, p. 13).

FIGURA 4

O conceito de *flexibilidade* estendido para o contexto da conservação do acervo

Os ambientes internos da BC-UFMG, de fato, demonstram a ocorrência de mudanças de uso e ocupação ao longo de sua existência. Ocorre que parte dessas transformações se manifestam em áreas originalmente reservadas para acervo (SILVEIRA, 2015a) (Figura 5). A conta não fecha se observado, nesse cenário, que a edificação não sofreu acréscimo de área, e que as coleções seguem o seu fluxo contínuo de crescimento de volume.

Em 2014, a edificação da BC-UFMG é mapeada com a presença de 13 instituições externas⁴ com setores funcionando em seu interior. São 16 territórios se contados os organogramas da BU-UFMG, da própria BC-UFMG, e os compartilhados entre elas (SILVEIRA, 2015a) (Figura 6). Além disso, não é uma realidade distante a solicitação de inclusão de novos territórios da universidade na biblioteca, não necessariamente ligados diretamente à sua essência colecionadora. Como consequência, tem-se, para além do aumento da possibilidade de conflitos por conta das limitações físicas e institucionais de ocupação da construção, um grande desafio para a adequada conservação do patrimônio cultural documental ali abrigado.





Fonte: Adaptado de Silveira (2015b).

FIGURA 5

Alterações de uso e ocupação no interior da BC-UFMG: subsolo (a), hall de entrada (b), e pavimentos 1 (c), 2 (d), 3 (e), e 4 (f). As cores revelam a intensidade das alterações: as mais drásticas (na cor salmão); as parciais (na cor amarelo); e as permanências (na cor verde)

Imersos num estado de fragmentação do edifício da biblioteca em territórios com suas próprias rotinas, gestões e missões, estão os espaços colecionadores. Eles ocupam cerca de apenas um quarto de toda a área construída do prédio da BC-UFMG (SILVEIRA, 2015b). Tal configuração abre caminho para uma outra discussão: a dissociação como uma disposição inerente dos conjuntos ordenados com o passar do tempo (WALLER; CATO, 2019).





Fonte: Adaptado de Silveira (2015b).

FIGURA 6

Os territórios da BC-UFMG em 2014. Cada cor representa uma das 16 instituições que operam parcial ou integralmente no edifício (ao longo de todos os pavimentos – subsolo (a); *hall* de entrada (b); e pavimentos 1 (c), 2 (d), 3 (e), e 4 (f). As circulações e instalações sanitárias também possuem cores distintas

Essa conjuntura reflete os desdobramentos concretos das novas conformações de espaço-tempo-sociedade sobre a biblioteca contemporânea, justificando a necessidade de um olhar cuidadoso não somente para a edificação BC-UFMG enquanto lugar físico e lugar social, mas para as bibliotecas de salvaguarda e pesquisa de maneira geral. Além disso, ela lança luz sobre a complexidade dessa tipologia de sistema, principalmente no que se refere à conservação de suas coleções.

Numa outra perspectiva provável, a mutabilidade dos espaços da BC-UFMG, com suas características próprias, encontra-se como uma das muitas facetas do contexto essencialmente disruptivo e potencialmente fragmentador das novas plataformas de informação. Isso sugere os desdobramentos sociais da escala global

na escala local; os impactos da volatilidade e da pulverização do mundo digital no mundo real, ou melhor, no terreno físico da materialidade da *Biblioteca*.

Considerações finais

Quando na tentativa de entender o futuro do livro no universo digital, os leitores manifestam-se legitimamente confusos. Retratos de “uma eliminação ou supressão do livro (muitas vezes como uma abreviação de ideias ou história)” vêm sendo absorvidos pela consciência pública, “conduzindo a um senso de que a tecnologia irá inevitavelmente superar o trabalho impresso”, aponta Lynch (2001, p. 1, tradução nossa). Tal previsão tem sido matéria-prima da ficção científica por décadas. “Até mesmo filmes fundamentalmente apolíticos (...) incidentalmente celebram os livros impressos como itens encantadoramente arcaicos de colecionadores” (LYNCH, 2001, p. 1, tradução nossa).

A dificuldade de compreensão acerca dos suportes físicos da informação pode ter influências diretas e indiretas sobre o espaço físico das bibliotecas. Com as transformações dos meios de comunicação e do próprio ato de informar-se, podem fazer ganhar fôlego no senso comum as associações equivocadas desses lugares à obsolescência e ao imobilismo. Como resultado, arrisca-se a permanência dessas instituições e a manutenção de seus territórios internos.

Ainda com todos os esforços apresentados pelo time de gestores e funcionários de uma biblioteca, para que ela alcance projeção e legitime a sua perseverança, é necessária uma correlação aplicada, coordenada e incessante entre as coleções, a edificação e a sociedade. De forma que se possa desenhar com mais precisão a sua territorialidade, e compreendê-la em seu dinamismo e complexidade.

A explosão de territórios diversos vista na BC-UFMG, juntamente com outros fatores, expõe os fenômenos e acontecimentos humanos que preenchem a noção de *territorialidade*; o fazendo com um olhar mais específico para bibliotecas. Ao mesmo tempo, traz à luz discussões importantes frente à sua preservação, à conservação de seus acervos, e à atribuição de valor que não somente a comunidade acadêmica, mas toda a sociedade designa a elas.

Essa combinação pode ser a chave para um pensamento em rede específico para essas tipologias de salvaguarda e pesquisa enquanto espaços relacionais, da matéria com a cultura, em múltiplas escalas. Não para combater ou duelar com as redes instantâneas conformadas pela escrita digital, mas para se associar a ela de maneira mais integrada e legitimada. As bibliotecas enquanto laboratórios da informação e de consolidação da *Ciência da Conservação*, integrados às universidades e aos centros de pesquisa, conformam um novo terreno fértil para a cultura, e portanto, para a emancipação social.

Os desafios e as mudanças atuais no modo de produzir, distribuir, acessar e ler conhecimento configuram a *Biblioteca* como um corpo peculiar de análise na área da *Conservação*. Nele, portanto, há a necessidade de constante aprofundamento; de interconexões disciplinares; e de esclarecimentos frente à essência e ao lugar dessa instituição na contemporaneidade. Tudo isso, para responder à multiplicidade que caracteriza não somente os seus territórios, mas também os processos para a adequada conservação de suas coleções.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é decorrente da dissertação de mestrado intitulada “Desenvolvimento de ferramenta para mapeamento diagnóstico de riscos: estudo de caso da Biblioteca Central da UFMG”. Agradecimentos: Equipe do Departamento de Projetos da UFMG e Equipe da Biblioteca Central da UFMG.

NOTAS

1. Há uma ampla discussão terminológica e ensaios acerca da definição de *livro eletrônico*. Existem autores que, inclusive, defendem que o termo é inoportuno, pois agruparia duas palavras antitéticas. A esse tema, relacionam-se termos como: *edição online*, *edição digital*, *livro eletrônico*, *livro digital*, *livro virtual*, *e-book*, *livro desmaterializado* etc. (FURTADO, 2003). A UNESCO reconhece o livro como uma publicação impressa e não periódica, que tenha ao menos 49 páginas. Tais requisitos convergem com os da ABNT, que acrescenta que o livro é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (International Standard Book Number – ISBN). “Por outro lado, não há nenhuma menção aos casos eletrônicos e digitais, uma vez que a anatomia do livro impresso” e outros elementos de sua estruturação, constituem a base para a definição da identidade desse objeto para essas organizações (CASTEDO, 2016, p. 15-16).
2. Na obra *A revolução de Gutenberg: a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*, de John Man (2004), é possível encontrar as contribuições de Johannes Gutenberg para o livro e para a leitura.

- ³. A discussão em torno do conceito de *hipertexto* é ampla, não sendo foco de aprofundamento nesta pesquisa. Entretanto, a título de contextualização, vale trazer José Furtado (2003), que aponta uma série de referências acerca do tema. Dentre elas, o autor cita McGann (2001): os hipertextos possibilitam a navegação através de grandes massas de documentos, por sua vez ligados entre si inteiramente ou em partes, e de modos complexos. Tais malhas documentais podem ser organizadas interativamente, distribuídas de forma autocontida (em CD-ROM, por exemplo), ou transmitidas via *World Wide Web* (ou outra rede estruturada).
- ⁴. São elas: Coordenação de Assuntos Comunitários (CAC); Faculdade de Educação (FAE); Centro de Comunicação UFMG (CEDECOM); Rede de Museus; Escola de Música (EMU); Faculdade de Letras (FALE); Diretoria de Divulgação Científica (DDC); Diretoria de Ação Cultural (DAC); Pró-Reitoria de Recursos Humanos (PRORH); Escola de Belas Artes (EBA); Diretoria de Inovação e Metodologia de Ensino (GIZ/PROGRAD); Instituto de Ciências Biológicas (ICB); e Reitoria (SILVEIRA, 2015a).

REFERÊNCIAS

- ALLISON, D. Measuring the academic impact of libraries. *portal: Libraries and the Academy*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 29-40, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/272431407_Measuring_the_Academic_Impact_of_Libraries. Acesso em: 23 abr. 2022.
- ANDERSON, C.; PHAM, J. Practical overlap: the possibility of replacing print books with e-books. *Australian Academic & Research Libraries*, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 40-49, 2013. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00048623.2013.773866>. Acesso em: 29 maio 2022.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- BERGSTRÖM, A.; HÖGLUND, L. E-Books: In the Shadow of Print. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, [s. l.], v. 26, n. 4, p. 895-911, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1354856518808936>. Acesso em: 29 maio 2022.
- BERNARDINO, M. C. R. Territorialidade e empoderamento da biblioteca pública. *Revista Conhecimento em Ação*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 108-124, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rca/article/view/14011/9747>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- BORGES, J. L. A Biblioteca de Babel. In: BORGES, J. L. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1999.
- BÜLOW, A. Collection management using preservation risk assessment. *Journal of the Institute of Conservation*, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 65-78, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19455220903509960>. Acesso em: 06 ago. 2020.
- CACHAPUZ, A. Universidade, cultura e cientificização das sociedades modernas. *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 229-240, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650548/16759>. Acesso em: 21 set. 2018.

CARVALHO, W. M.; PONTELO, A. G.; GOMES, G. M. R. O Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais: 90 anos de um organismo em evolução. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 46, n. 2, p. 134-145, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4105>. Acesso em: 15 set. 2018.

CASTEDO, R. S. *O design editorial na conformação do livro como dispositivo: um olhar a partir de Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Porto Alegre, 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UnB, 1998.

CHARTIER, R. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 ago. 2020.

CHARTIER, R. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 ago. 2020.

D’ARCADIA, J. G. C. F. S.; CARVALHO, J. M. As novas territorialidades da informação e o não-lugar da notícia. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 17, n. 50, p. 522-535, 2020. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/2276>. Acesso em: 27 mar. 2022.

DARDES, K.; STANIFORTH, S. Preventive Conservation: Sustainable Stewardship of Collections. *Conservation Perspectives – The GCI Newsletter*, Los Angeles, v. 30, n. 2, p. 19-21, 2015. Disponível em: https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/newsletters/30_2/index.html. Acesso em: 27 ago. 2020.

DARNTON, R. O poder das bibliotecas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1504200105.htm>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FRONER, Yacy Ara. Storage Collection Recommendation from interdisciplinary tools: Documentation, Preventive Conservation, Curatorship, and Architectural issues. *Anais do CIDOC-ICOM Conference*, Heraklion, v. 26, p. 1-16, 2018. Disponível em: http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/cidoc/ConferencePapers/2018/CIDOC2018_paper_111.pdf. Acesso em: 27 ago. 2020.

FURTADO, J. A. O papel e o Pixel. *Ciberscópico: Ciberdifusão*, Coimbra, v. 3, p. 1-61, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/630121/O_papel_eo_pixel. Acesso em: 25 abr. 2022.

FURTADO, J. P. A morte da biblioteca? O lugar do livro e do leitor na era da dispersão. *Visualidades*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 46-59, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/40735>. Acesso em: 01 nov. 2018.

GONCALVES, W. B.; ARAÚJO, D. M. P.; FERREIRA, C. C. Uso de critérios de raridade e valoração de acervo no gerenciamento de riscos em acervos bibliográficos raros e especiais. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 132, p. 333-346, 2012. Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/anais-biblioteca-nacional/402630>. Acesso em: 04 out. 2020.

JACOB, C. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (ed.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 45-73.

LATOURE, B. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (ed.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000, p. 21-44.

LYNCH, C. The battle to define the future of the book in the digital world. *First Monday*, [s. l.], v. 6, n. 6, 2001. Disponível em: <https://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/864>. Acesso em 12 ago. 2020.

MACHADO, M. S. Geografia e Epistemologia: Um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. *Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 17-32, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/21750>. Acesso em: 28 mar. 2022.

MALARD, M. L. et al. *Projeto de construção do Campus Pampulha*. In: MALARD, M. L.; MACIEL, C. A. B. (ed.). *Territórios da universidade: permanências e transformações*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 83-126.

MAN, J. *A revolução de Gutenberg: a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

NASSIF, M. E. *Subsídios para a Formulação de Políticas de Preservação de Acervos de Bibliotecas: Um Estudo de Caso*. Belo Horizonte, 1992. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais.

NUNBERG, Geoffrey. The Places of Books in the Age of Electronic Reproduction. *Representations*, [s. l.], n. 42, p. 13-37, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2928616>. Acesso em: 21 maio 2022.

ONU. Millennium Development Goals and Beyond. *Organização das Nações Unidas*, 2015. Disponível em: <https://www.un.org/millenniumgoals/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

ROSSMAN, J. J. Investigating the Perceived Value of Special Collections in the Academic Library. *Journal of Library Administration*, [s. l.], v. 60, n. 6, p. 631-644, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01930826.2020.1748437>. Acesso em: 14 out. 2020.

SACHS, J. From Millennium Development Goals to Sustainable Development Goals. *The Lancet*, [s. l.], v. 379, p. 2206-2211, 2012. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/a/article/PIIS0140-6736\(12\)60685-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/a/article/PIIS0140-6736(12)60685-0/fulltext). Acesso em: 30 ago. 2020.

SILVEIRA, R. V. *Edifício Biblioteca Central da UFMG*. 2015b. Conjunto de pranchas do estudo de uso e ocupação – arquitetura. 30 f. Originais em papel sulfite.

SILVEIRA, R. V.; GONÇALVES, W. B. Interconexões entre Avaliação Pós-Ocupação de Bibliotecas e Conservação Preventiva de Coleções. In: SIMPÓSIO CIENTÍFICO DO ICOMOS

BRASIL, 3., 2019, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2019, p. 1-18. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iiisimposioicomosbrasil/>. Acesso em: 23 jul. 2019.

SILVEIRA, R. V. *Relatório técnico de análise de uso e ocupação, com abordagem preliminar nas questões de segurança e acessibilidade*. Belo Horizonte: Departamento de Projetos da UFMG, 2015a.

SILVEIRA, R. V. Uma dimensão conceitual para a manutenção edilícia: o caso da Biblioteca Central da UFMG. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO, 3., 2018, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2018, p. 349-370. Disponível em: <https://sites.arq.ufmg.br/pos/ambienteconstruido/sppgi-2/>. Acesso em: 05 maio 2019.

UFMG. *Biblioteca Central*. [ca. 1980]. 1 fotografia.

VIDAL, A. A Conservação e a Preservação de Documentos Digitais: um desafio na era da Sociedades da Informação. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, Porto, v. 7, p. 144-154, 2010. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/2809>. Acesso em: 22 fev. 2020.

WALLER, R.; CATO, P. *Agents of deterioration: dissociation*. Ottawa: CCI, 2019. Disponível em: <https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/agents-deterioration/dissociation.html>. Acesso em: 05 mar. 2022.

Rafael Vilela Silveira é Doutorando e Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável e Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-Graduado em Gestão Pública pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Diplomado em Museologia pela Pontificia Universidad Católica de Chile.

Como citar:

SILVEIRA, Rafael Vilela. Territorialidade e conservação na biblioteca contemporânea: uma análise do global ao local. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 1, p. 466-492, jan./jun. 2022. Disponível em: pem.assis.unesp.br.